



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARI...
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA de Coimbra

Parece-nos que as obras do nosso Lar de Coimbra nunca mais terminam. Há tanto tempo nos acabamentos e ainda não vemos quando se aproximará o fim. Agora são as coisas pequeninas e muito variadas.

A nossa camioneta do Tojal com Rafael tem-nos vindo ajudar. Na semana passada carregou mais duzentos sacos de

cimento e na próxima voltará a ele. Esta semana foi a duas fábricas à madeira e trouxe uma factura de quinze contos e outra de treze e meio. Mais uma carrada de mosaicos que ainda não sabemos quanto custará, pois a fábrica já nos deu o que podia. Trajá do Carregado 180 metros de ladrilho para o piso das salas grandes. Irá outra vez à fábrica da pedra buscar os peitoris para janelas e guarnições para portas exteriores.

Os nossos rapazes da carpintaria e serralharia agarram-se a sério aos trabalhos da sua secção. Tem-se feito seroadas. Há rimas de portas e janelas feitas e há muitas grades já prontinhas. Tudo feito com gosto.

A equipa de trabalhadores das obras tem-lhe dado. É um regalo ver cada um no seu mister. São doze rapazes e quatro homens agarrados à colher, às régua, ao prumo, aos pincéis. Homens de amanhã.

Barbosa e Pretito começaram a assentar tacos no chão. O desenho é deles. Ninguém pediu a minha opinião ou perguntou o meu gosto. A casa não é para mim. Um amigo de Miranda e os Serviços Florestais deram-nos grande parte dos tacos.

O Mário e o «Cantante» deram a primeira mão de pintura. Eles querem fugir ao Inverno, mas ele veio cedo!... As tintas são CIN, pois temos ali um Amigo de sempre.

Teñho andado e continuo a andar agora mais preocupado. O correio quase todos os dias traz facturas. Desde os pedidos de Agosto até ao prin-

Continua na QUARTA página

Cantinho de Malanje

O «Bolotas», sempre sorridente e com os seus olhinhos a luzir veio-me dizer que o João Fausto não queria trabalhar.

— Olha vai e toma conta dele. E o João Fausto aceitou o António Eugénio como chefe e naquele dia não houve mais queixas do «gordinho».

XXX

O Tonito das mãres anda quase sempre com o Zé António — aleijadinho. Ele gosta de andar com o Zé porque a padiola é muito mais pequenina do que a dos outros.

No outro dia alguém deu uma gargalhada ao ver este nosso menino com aquele aparelho na cabeça e ele ficou triste e viu-lhe as lágrimas quase a brotar dos olhos. Apres-

sei-me a justificar à pessoa o motivo do uso daquela «concha» na cabeça e ele ficou mais satisfeito e sorriu.

Pedimos aqui a todos os que nos visitam que ao verem um menino preto com um aparelho que mais parece uma espumadeira das cozinhas, não se riam dele porque ele e nós sofremos com isso. Ninguém gosta que se riam de algum filho aleijado. E nós também somos uma Família!

XXX

Não digo aqui o nome: Um menino foi à marmelada e limpou-a enquanto o diabo esfregou olho! Acabou por confessar e prometeu não mais mexer no que está quieto.

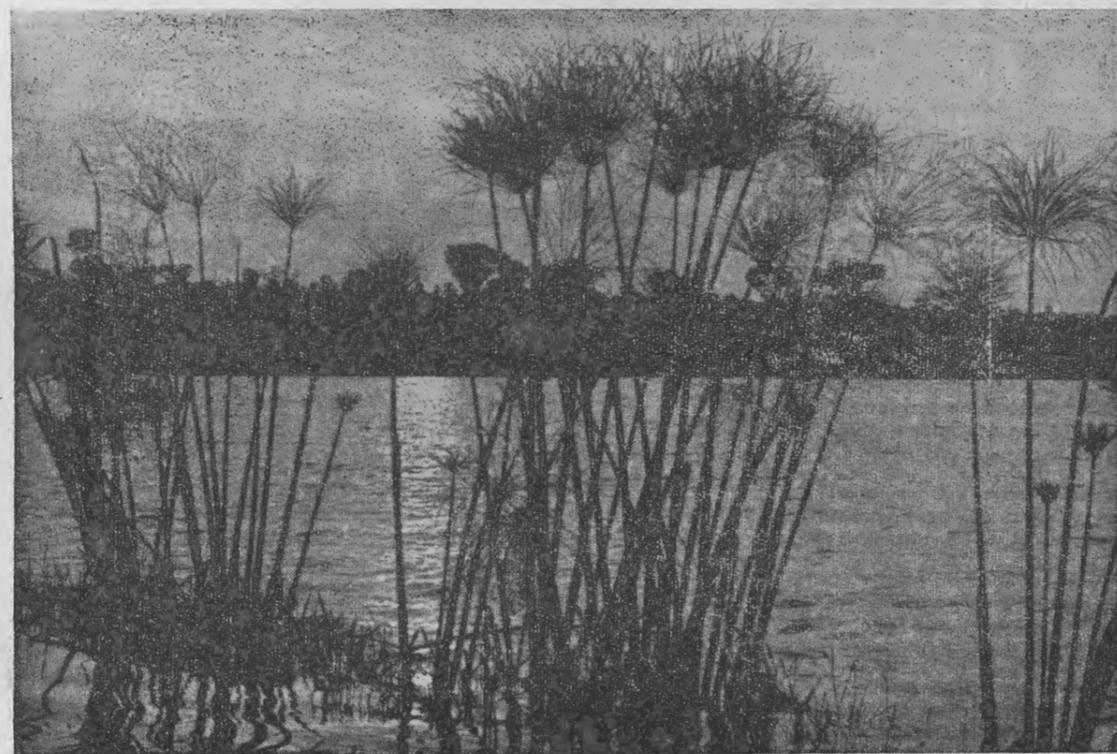
XXX

Ultimamente os «batatinhas» têm conservado os terreiros e a zona da lagoa mais limpos. O André, agora a estudar no Lar, deixou cargo ao Helder que é um pouco mais mole, mas lá vai arranjando com que não falte a lenha cortada para o fogão e que os terreiros não pareçam mal de todo aos que nos visitam.

XXX

Temos uma senhora. Está a experiência e graças a Deus

Continua na SEGUNDA página



Assim como a LUZ brilha nos mais pequeninos dos Irmãos, também as flores do pântano nos ajudam a olhar o sol reflectido na nova lagoa de Malanje.

LOURENÇO MARQUES

O «Manuel Pedreiro» foi um dos nossos logo no início da Obra e no seu ofício andou nas Casas de Miranda, Paço de Sousa e Tojal, até que Pai Américo o mandou para Moçambique, contratado pela firma Buccellato. Foi há desassete anos.

Teve à chegada vários grupos de futebol de L. Marques a disputá-lo, alinhando pelo Desportivo, mas não perdeu a cabeça em futebol. A sua profissão, acima de tudo. Há nove anos veio para Joanesburgo. Começou pouco depois a trabalhar por conta própria como construtor civil em «Dias-Building», tendo hoje uma posição invejada entre os muitos portugueses que se dedi-

cam ao ramo, onde é conhecido por «Padre Américo».

Pois foi pela mão dele que viemos a Joanesburgo, na esperança de dar a conhecer a Obra a alguns dos milhares de portugueses aqui residentes. A viagem no comboio que sai de L. Marques ao cair da noite demorou mais de catorze horas. O Esequiel foi meu companheiro.

O Manuel esperava-nos e levou-nos através dum labirinto de avenidas e ruas desta monstruosa cidade, até sua casa, em Belgravia, onde sua esposa com dois filhos amorosos, nos serviu um reconfortante almoço, e aturou durante alguns dias.

Imediatamente, demos uma volta pelas Igrejas onde dia seguinte devíamos aparecer, passando também pela casa do «Caparica», outro que foi do Tojal, casado há pouco, porque seria ele e o Manuel a recolher nas Missas o ofertório para a Obra. «Diga mesmo que nós fomos Gaiatos e aquilo que somos o devemos a Pai Américo e que nos orgulhamos muito disso».

A primeira recolha foi, pois, nas Igrejas. A segunda foi em casa do Manuel. A esposa, cada vez que safa à cidade, vinha carregada de encomendas. Ele, que de manhã cedo levava os seus operários aos diferentes lugares de trabalho passando o resto do dia a verificar o andamento dos mesmos, foi recolhendo deles variadas ofertas em dinheiro e roupas. E depois foram os sogros, os cunhados, primos e amigos, tantos que vieram a sua casa trazer-nos dinheiro roupas e calçado, testemunho da amizade que têm por ele. Várias vezes saímos os dois pelos arredores. A conversa sempre passava pela Obra

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Américo Correia, o último cronista, foi passar algum tempo à nossa Casa de Setúbal. Por isso trataram de o substituir e, assim, vou fazer o possível para que ele e os nossos leitores não deixem de ter notícias de Paço de Sousa.

TROPAS — Têm chegado alguns dos nossos que estiveram ao serviço da Pátria no Ultramar, mas outros vão principiar agora o seu tempo. Na passada segunda-feira, mais três dos nossos foram começar o seu tempo: Santos Silva, Leitão, e o «Tavira»; os dois primeiros foram para a Carregueira e o «Tavira» para Aveiro.

Sinceros votos de felicidades para a nova vida que principia.

VINDIMAS — Terminaram há dias. As ramadas deixam cair as folhas, ficando monótonas como a estação que se avizinha. Mas para o ano esperamos ter a alegria de as ver sorrir, com seus frutos, que nos darão o precioso vinho para as nossas refeições.

Serafim anda bem disposto. E quando assim acontece é porque as coisas correram bem.

FUTEBOL — Últimamente, temos feito muitos jogos e, como não podia deixar de ser, averbámos vitórias.

No último Domingo, ganhámos uma taça a um simpático grupo de rapazes de Gaia, que nos deixaram bem impressionados, apesar de vencidos no prélio.

GINÁSTICA — Todas as quartas-feiras pelas 10h 30 m. a nossa comunidade tem ginástica.

Dividem-se em quatro grupos para facilitar o trabalho do Sr. Professor, que amavelmente ofereceu os seus serviços em nosso favor.

Tivemos já três sessões, das quais temos gostado imenso, e sentimos que nos tem feito bem. É geral o contentamento, grandes e pequenos felizes quando chega o dia da ginástica.

UM PEDIDO — Temos na nossa comunidade alguns rapazes a quem nós chamamos «músicos». Um deles é o Toninho, que precisa dum violão. Se algum dos nossos leitores tiver alguma que faça o favor de nos dar, ficamos muito gratos.

Jorge Manuel

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Na nossa Casa de Miranda o entusiasmo das festas é já crescente.

Começa-se a falar na nossa festa do Natal. Ainda não começaram os ensaios nem se fez a selecção dos que irão representar, o que torna o ambiente mais agradável. Os do ano passado ou dos anos anteriores querem voltar já como profissionais, e os novos, isto é os que nunca fizeram festas, querem também ser convocados para mostrarem as suas habilidades, a cantar, a dançar ou a fazer outras coisas conforme o jeito

de cada um. Ora por isto e por outras coisas estamos certos de que iremos agradecer aos nossos amigos, quando nos meses do ano que vem começarmos a correr as principais terras da Beira Litoral e da Beira Baixa.

TRABALHO — Quem não trabalha não manduca, diz o ditado, e é muito certo. Pois nós trabalhamos e comemos o pão com o suor do rosto. No campo está o milho todo apanhado e a secar nas eiras. A fruta toda apanhada e quase toda comida. De resto não temos muito que nos preocupar com o campo, pois não é agora o tempo das sementeiras.

A azáfama é nas oficinas e nas obras do nosso Lar onde se dá agora uma arrancada nos acabamentos.

Na Carpintaria há montes de janelas e portas para o nosso Lar. As janelas são todas em madeira de mucibe e as portas em madeira de pinho. Esta oficina foi reforçada com uma lixadeira. Despacha muito serviço e perde-se muito menos tempo a lixar.

A Serralharia também foi reforçada com duas novas máquinas: uma de furar e outra de cortar. Também estas duas máquinas são muito boas mas estão ambas por pagar. Creio que não seria preciso dizer mais nada, pois o amigo leitor já deve saber até onde é que eu quero chegar; mas então lá vai: não nos faltes com as tuas encomendas para nós podermos trabalhar e assim pagarmos as nossas máquinas.

Fonseca

TOJAL

ESTUDOS — Começaram as aulas. Mais um ano lectivo se iniciou para os nossos rapazes, da escola primária aos outros cursos. Precisamos de livros actualizados, principalmente da 2.ª, 5.ª e 6.ª classes.

TRABALHOS AGRÍCOLAS — Andamos na apanha da azeitona. As lavouras de Outono e as respectivas sementeiras estão em pleno. O «verão de S. Martinho» tem ajudado os trabalhos. Todos contribuímos, conforme as posses, com o nosso esforço.

OBRAS — Estamos desejosos de passar para a nova casa-mãe. Como o pessoal é pouco e os acabamentos são demorados, estamos a ver que ainda não comemos a ceia de Natal nas futuras instalações. Aguardamos que não vos esqueçais de contribuir para uma breve concretização de um velho sonho.

VENDA — Nem muito mal nem muito bem. Alguns de nós sofrem de uma doença chamada «sorna» ou aguardam comodamente que as pessoas se lhes dirijam. Por outro lado, muitas das vezes, as pessoas não nos vêem ou não nos ouvem, e quando se que o «Famoso» não é um jornal qualquer, tipo «banha da cobra». E Lisboa é tão grande e tem tanta população!

GUARDANAPOS E TOALHAS — O meu pedido foi ouvido por algumas Senhoras amigas, mas ainda precisamos de mais. São

25 mesas com 1 m. de diâmetro, com 6 Rapazes cada. Ainda só temos metade do que é preciso. Como as férias acabaram esperamos que se não esqueçam. O novo refeitório precisa de ficar «cimbolino»!

Xavier

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

DEM AÍ O NATAL — Todos os anos, por esta altura, lançamos uma chamada geral aos nossos Amigos, com vista à despesa com a Consoada dos nossos Pobres. Por princípio evitamos sacrificar a receita normal em fogos fátuos de consoada. Os Pobres necessitam de pão e de uma vida digna todos os dias...

É, de facto, uma tentação escandalosa, nesta quadra, o repique noticioso de consoadas folclóricas, autênticos bodos que os homens pintam de vaidade — até com roupage de comendas! Alguns só conhecem (de que forma!) ou dão a conhecer-se aos outros — seus irmãos — mais pobres e todavia mais ricos, em um dia do ano!! Nos restantes permanecem radiantes de luz efêmera — com digestões tranquilas... Quadro de uma sociedade que se diz cristã, já não falando de outras... Muito necessário despertar as potencialidades e testemunho de vida que o Evangelho exige de todos nós. E seja onde for.

É comum agender as luzes e dourar presépios — em direcção oposta à intenção prática do «Povorello... Dita de um mundo que, também, se diz em evolução! Que faria o Senhor se junto de nós regressasse, de mãos dadas a legiões de Pobres — sem o apoio de Cireneus? Verdade que tentamos esquecer, abafar ou distorcer — como se a Boa Nova só fosse d'ontem! Nunca a Humanidade precisou tanto d'Ele como agora, em que dois terços jaz no caos da fome e outro respira, despreocupadamente, a fartura ou o indispensável.

Vem aí o Natal! E como normalmente a caixa da nossa Conferência está sempre nas lonas, haja ao menos um leitor, ou leitores mais abastados, que botem a mão; para que, sem prejuízo do pão diário, depositemos na mão dos Pobres, com discreção, algo mais que os aproxime ou identifique com nós outros — já que somos todos filhos do mesmo Pai que está no Céu.

+ + +

O QUE RECEBEMOS — Abre um velho amigo, engenheiro de um departamento oficial, com 50\$00 e um comentário oportuno — «Tudo isto, pouco, mas de boa vontade (continuamos à espera dos tais aumentos)». De um meu condiscípulo na Escola Comercial Mouzinho da Silveira, do Porto, 30\$00. Gosto imenso de vos ver por cá! E de saborear o bem que nos fez, cinco anos de notadas estudiosas. Mais 20\$00 do Porto, «por alma de José, Ana, Custódio e Joaquim». Estamos no mês das Almas! E, em vez de velas e velinhas, de flores e florzinhas, aqui têm um bom sufrágio — botar a mão aos nossos irmãos que sofrem imerecidamente. Mais outra que enfileira pelo mesmo critério: «Vão ainda mais 10\$00 para a Conferência. Peço uma oração por alma da minha santa Mãe, grande admiradora da vossa Obra». Ajoelhem-se de novo: Mais «20\$00 por alma de Maria Augusta», depositados no Espelho da Moda. Que o Senhor se lembre de tudo, de todos. E demos graças a Deus.

JULIO MENDES

CALVÁRIO

RECORDANDO... NA verdade o dia dedicado a todos os Santos faz aflorar aos nossos sentidos aqueles da nossa família, amigos, e até inimigos que andaram neste «vale de lágrimas». Embora enquanto vivos carnalmente deram ensejo aos mais variados contrastes prós e contras. Mas para aqueles que sobreviveram há sempre o desejo de que Deus lhes perdôe momentos de convívio familiar, fraterno e tumultuoso.

Será fácil julgar todos os que no princípio deste mês se recordam nas romagens aos cemitérios... as flores, lágrimas, preces, tudo o que se faz decerto não impede que tenhamos essa faculdade. Porque se todos nós em vez de flores, velas e outras coisas não nos forçarmos em meditar que quando nos juntarmos, quando Deus permitir, aqueles que se recordam nas visitas aludidas, também outros nos hão-de «pagar na mesma moeda» como procedermos hoje!

Bastará referir aqueles que ora repousam no nosso «Campo Santo». Já passam de 60 irmãos teus e nossos que ali estão. Não fôra o egoísmo, o «não te rales», «não há nada a fazer», e tc etc. — e eles decerto não teriam sofrido abandonos de várias espécies, torturas físicas e morais, e muitas coisas mais! Poderemos nós todos não ter outra recordação do que eram, o que foram aqui até Deus os chamar senão apenas: Nós não temos o direito de julgar pelas aparências traduzidas em actos mesmo praticados sob os nossos olhos mortais, tantas vezes deturpados com vis cegueiras.

Porque a Deus pertence toda a criatura. E só Ele sabe o que eles passaram por causa da nossa maneira de ver. Os seus defeitos terão talvez, quem sabe?, contribuído para a sua glória!

Nós não pusemos o nosso «Campo Santo» engalanado com flores para que o mundo visse... Mas a nossa presença, em maior numero nesses dias, veio dar a cada um de nós a certeza de que esperamos que os homens de boa vontade ponham a render os «talentos» enquanto é tempo. Porque senão... — Desculpem isto... mas na verdade gostaríamos todos os que sofrem, aqui, ali e além de ser compreendidos, amparados, abrigados: Porque depois virá esta verdade dita pelo povo: Todos temos de morrer! As nossas vidas

extinguem-se; as boas obras perdurarão!

+

É JUSTO — Hoje muito se fala em justiça. Fazem-se os mais variados apelos para determinados assuntos que requerem revisão. Ora tudo estará certo quando a justiça não é ultrapassada pela injustiça.

Não basta falar-se assim. É necessário que haja verdadeira noção da palavra.

Recolheu-se aqui um doente. Sofria de doença grave. As condições em que vivia já o nosso Padre as deu a conhecer. Tinha família. Mas quem tratava dele, dando-lhe o comer na boca, dada a incapacidade em certos dias, era uma ou outra pessoa que o tinha recolhido por esses parentes não «digarem». O mal foi-se avolumando e veio para o Calvário. Então aqueles que não queriam fazer caso da presença dele na terra já apareciam quando lhes apetecia. E o mais curioso e triste, ao mesmo tempo era vê-lo a armar em defensores dum causa de que não quiseram saber enquanto perto! Mas em vez de ajudarem criavam-lhe a confusão.

Resultado: O homem julgando «ver» que era uma prova de amizade resolve trantornar-se, fujindo de casa que o abrigava da chuva e do sol. Culpado? Não! Víctima de injustiça de quem deveria ter consideração por alguém que lhe concedeu justiça. Isto é: Procurou elevá-lo à verdadeira condição de homem. Isto foram os primeiros dias. Porque veio a reconhecer por sua livre vontade quanto era estimado. Embora tenhamos defeitos!

Após longo sofrer físico e depois de se tentar pelos fracos meios que dispunhamos, Deus chamou para a Sua presença o nosso irmão.

Sem notícias da terra, das «tais visitas» durante esse período. Dada a inconsciência em que caiu, parecia conformado. Mas... há sempre umas histórias banais. De facto esta sendo verdadeira também o teve! Um domingo apareceram parentelas. E quando tiveram conhecimento do passado foi um espectáculo! E nós próprios poderemos perguntar: É justo? Mas o quê?

Aparecem a dar espectáculo por Deus não querer injustiças mas apenas justiça? Gostaria que isto fosse ter às mãos de quem praticou a inversa justiça!...

MANUEL SIMÕES

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página parece ir aclimatando-se. Pedimos ao Senhor que lhe dê forças e ânimo afim de se dedicar por amor d'Ele aos nossos rapazes. A falta de uma senhora é um problema que nos tem afligido e atormentado pois sabemos que a mão feminina é indispensável nas nossas Casas.

x x x

Os caculas — enxadas pequeninas — foram uma sensação. Todos as querem e é vê-los, cada um dos «batatinhas», com

a sua a capinar e a alisar as terras das picadas. O trabalho do menino é pouco, mas quem o não aproveita é louco.

x x x

Agricultura — Temos já na terra alguns hectares de milho e um pouquinho de tabaco. O terreno para o algodão está a ser devidamente trabalhado e esperamos na altura própria deitá-lo ao solo arável afim de darmos que fazer aos povos vizinhos e tirarmos alguns tostões que nos ajudem a pagar certos «cães».

Fernando Dias



Já não é primeira nem segunda vez que nestas colunas, no «Aqui Lisboa», Padre Luís tem feito eco da teimosia de alguns polícias em impedirem os nossos rapazes de venderem «O GAIATO» às portas de certas Igrejas da cidade. Dizem que são ordens... Temos protestado e continuaremos a protestar contra esta violência a um jornal que tem todas as autorizações legais para circular livremente por todo o território nacional e no estrangeiro. Muita mais razão tem ele de ser oferecido às portas das Igrejas, pois é essencialmente um mensageiro do Evangelho. Revolucionário sim; provoca revoluções nos corações dos homens: para que amem mais e melhor o seu próximo. Não um revolucionário que pregue a malsã doutrina do ódio ou do sangue. Baluarte da Verdade, da Justiça, da Paz e do Amor entre os homens, estes, mesmo os não católicos e muitos que se dizem descrentes, o recebem de braços abertos porque vêem nele algo de novo que os ajuda a tornarem-se amigos de todos os homens, mormente dos mais carecidos de bens materiais e espirituais.

Mais: ele é palavra viva do Evangelho, não mistificado ou arranjado a bel-prazer de uns tantos para manter adormecidas consciências egoístas de muitos.

Aqui LISBOA

Ele é palavra sempre jovem, dinâmica e actual da Verdade que, doa a quem doer, não se amolda nem se adapta a um cristianismo «de capelinha» ou de ilusão, que embrulha a Justiça em Piedade... e piedosamente a deixa adormecida. Ele não se adapta a certa doçura de palavras para não ferir sentimentalismos, ou prejudicar consciências; nem usa de subtilidades para dizer aos homens qual é a dimensão total da solidariedade para com os outros homens; e não se furta de acordar os cristãos para a integral responsabilidade da Fé adulta, que se exprimirá em amor, no amor devido a todos os homens, vivendo os seus dramas, as suas angústias, as suas limitações, as suas necessidades, os seus anseios.

Não consigo compreender, pois, que se lhe queira amordaçar a voz.

Será que o Evangelho vivo e vivido nas colunas de «O Galato» contradiz o Evangelho pregado em determinados púlpitos onde domina o receio de escandalizar consciências dormentes?

Também não compreendo a que título, ou em que lei se baseiam os que impedem os nossos Rapazes na difusão de «O Galato», quando se não vê quem estorve a propagação de toda a casta de revistas, livros, gravuras, cromos, diapositivos, filmes, etc., autenticamente, imorais e destruidores dos mais elementares princípios humanos e cristãos!

Estes desabafos vêm a propósito dum telefonema recebido há pouco, que logo me levou a Lisboa a chamar a atenção de quem de direito para mais uma proibição da venda de «O Galato» à porta de determinada igreja.

Já lá não encontrei os zelo-

sos defensores da ordem pública, mas somente os rapazes no seu posto, sem receio de ameaças ou ordens infundadas legalmente.

Muita força tem a voz da Verdade.

Já agora permitam-me os Amigos um contraste: Andei uns meses por terras do Ultramar a dar um pouco de repouso aos nossos Padres de lá. Quer em Angola, quer em Moçambique pude constatar pessoalmente que lá se passa muito diferentemente de cá.

Não há obstáculos ao «Galato». Pelo contrário são as próprias autoridades a comprá-lo em quantidade para pessoalmente o distribuírem pelos

colegas. Há Templos, outras Igrejas cristãs e até Mesquitas, que querem a presença dos nossos rapazes para venderem «O Galato» e aconselham aos seus fiéis a sua leitura e meditação. Há Missões protestantes que nos chamam para lhes falar. Eu sou testemunha do que vi e ouvi, há precisamente um mês em terras de Moçambique, onde num encontro de todos os fiéis dessa profissão cristã, que reuniu muitas centenas de pessoas, foi solicitada a palavra do nosso Padre Zé Maria; e de como todos se referiram à Obra da Rua receberam o testemunho do nosso Padre Zé. Não tiveram medo dessa Palavra, nem a impediram, pelo contrário desejam-na.

Isto alegrou-me, por ver quanto evoluiu e progrediu no Ultramar um Cristianismo autêntico, sem preconceitos ou desconfianças, sem receio da Verdade.

Padre Abraão

Já esperávamos. E daí não causar surpresa serem poucos os que, uma semana após a última edição, acusaram o toque de participação na «Campanha».

A tarimba é boa conselheira. Por isso, nunca fomos tão explícitos no cuidado que deve orientar os apaixonados pelo «Famoso», tanto na serenidade como na colheita de novos assinantes.

UMA CARTA

Forçar, não! Inscrições prováveis, também não. «Nós somos a porta aberta», diria de novo Pai Américo. Aberta para toda a gente, sedenta da Mensagem que «O Galato» irradia. E como vem expresso nesta formosa carta de um leitor de Rio de Mouro:

«Oigo falar com frequência da «Casa do Galato», mas se quer que lhe seja honesto, devo dizer-lhe que a não conheço. Diria mesmo, não sei bem onde está e como ela é.

Há aproximadamente 4 anos que compro regularmente «O Galato», porque um filho vosso vem ao meu local de trabalho vender os jornais. Se assim não fosse, eu não o lia nunca talvez. E acredite que o leio umas vezes com alegria e outras com tristeza, mas sempre com muito interesse.

Gostaria de conhecer a vossa Obra e sobretudo os vossos «filhos». Mas onde? E como? Por exemplo, em Lisboa ou Rio de Mouro, onde resido?

Junto envio os nomes de alguns colegas que querem ser assinantes de «O Galato» e conhecer mais de perto os seus «pequenos». Onde é paga a assinatura e como? Tal como eles, eu gostaria de que os vossos «filhos» fossem também nossos».

Que não aparecesse mais ninguém, só esta presença de Rio de Mouro bastaria, justificaria a reedição da «Campanha».

Diz o nosso correspondente que não conhece uma das nossas Casas e gostaria de conhecer mais de perto os seus

Campanha de assinaturas

«pequenos». Todavia, toda a carta respira «Famoso». Toda! São quatro anos de diálogo surdo — mas diálogo. Dê, então, um salto à nossa Casa do Tojal, no concelho de Loures. É a que tem mais à mão. E ficará a conhecer, pessoalmente, uma das nossas comunidades. Que, espiritualmente, já comunga connosco. E de que forma!

O segundo parágrafo da carta, porém, vem mesmo a talhe de foice — como lema desta cruzada: **Se não fosse** (o pequeno vendedor da nossa Casa do Tojal) eu não o lia nunca talvez. Quer dizer, se se fechasse em torre de marfim e não procurasse transmitir a Mensagem a «alguns colegas» com certeza deixariam de saborear, com perseverança, «umas vezes com alegria e outras com tristeza, mas sempre com interesse», as notícias de «O Galato». Aqui está a sua vitória, bom Amigo! E continue. Vai no bom caminho Tanto, que serve, agora, de labareda a outros que ainda não venceram a inércia!

OUTRA CARTA

Mais uma presença frutuosa de leitor avulso de Damaia:

«Leio algumas vezes «O Galato» que compro aos rapazes normalmente às portas das igrejas; mas desta vi dentro o

convite ao angariamento de assinantes para o «Famoso». E, nesse sentido, cá vai junto mais uma folha cheia (14 novos leitores). Também me proponho como assinante.

Desejo desde já grande expansão para o vosso jornal. Cumprimentos meus e dos novos assinantes que agora proponho.

Deus queira que correspondam ao desejo e à boa vontade que agora manifestaram.»

Repararam bem nos votos expressos no último parágrafo deste Amigo? São afirmação de trabalho consciencioso: «Deus queira que correspondam ao desejo e à boa vontade que agora manifestaram.» Preparou o terreno; lançou a semente; floresceu. A colheita, porém, não é só com ele. É de Deus. Deus queira... Assim vale a pena. E não faltarão outros, todos, afinal, correspondendo da mesma forma e com a mesma intenção.

Temos, ainda, mais. Todavia, por causa dos trabalhos da nossa vida, houve que adiantar de uma semana estas notícias. São fresquíssimas! De coração a pulsar. E um quadro vivo do interesse que, certamente, vai na alma de todos e cada um dos nossos leitores.

Júlio Mendes



Auto-Construção

Em Lisboa há uma escola para rapazinhos que vêem muito mal ou mesmo quase cegos. Ao fim dos tempos escolares encontram péssimo ambiente. Alguns universitários de há tempos para cá, têm procurado prevenir e remediar da melhor maneira que têm podido e sabido, aquela difícil situação de uns tantos — e são bastantes — deserdados da fortuna. Com eles têm conversado e com eles têm feito campismo e semanas de férias. Alguns desses universitários tiveram conhecimento de Auto-Construção através deste jornal e também por conversa directa com amigos do movimento. Então surgiram-lhes a ideia: — E se nós fôssemos com alguns destes rapazes para uma terra onde houvesse equipas de Auto-Construção em actividade? Não poderia ser agradável e útil para os mesmos Auto-Construtores, para estes adolescentes e ainda para nós mesmos? Não seria uma maneira de diálogo, aliado, aliás, o útil ao agradável? Do pensamento passaram à acção, perguntando se seria possível virem, em grupo, passar uma semana de férias e ao mesmo tempo de trabalho, para ajudarem os Auto-Construtores naqueles trabalhos mais simples que todas as obras têm e que qualquer rapaz ou adolescente é capaz de realizar. E, como é de adivinhar, nós não consentimos que viessem; pedimos-

lhes encarecidamente que chegassem depressa. Agradecemos logo ao Senhor mais esta presença que, aliás, era tão diferente de todas as outras. Os Auto-Construtores a receberem e a darem; aqueles adolescentes doentes dos olhos a darem e a receberem; e os universitários — dois eram oficiais da nossa Armada — a receberem e a darem também. E durante uma semana, que bem podemos chamar Semana Santa, uns tantos universitários, alguns adolescentes fisicamente deficientes e uma equipa de Auto-Construtores se encontraram, trabalhando, cantando, comendo.

Umás tantas casas ficaram mais adiantadas na construção e uns tantos rapazes de condição social muito diferente ficaram mais amigos. Os resultados de coisas como estas não se medem a centímetro nem se pesam a quilo. Que importa se temos a certeza absoluta que esses efeitos se seguem? Auto-Construção queria ser um autêntico lugar de encontro, um verdadeiro caminho de amizade, um prático e útil campo de trabalho. Se os homens assim precisam, então Deus o quer.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



Lar Operário em LAMEGO

Há muito que não dizemos nada. Costuma afirmar-se que a falta de notícias é sinal de boas notícias. O que se passou neste grande intervalo sem contactarmos com os leitores de «O Galato», foi uma mistura de altos e baixos, de acontecimentos bons e maus. Foram-se embora alguns rapazes. O Francisco, no dizer do patrão, já é capaz de se defender como alfalate, e o Manuel estava já à frente duma barbearia da cidade.

O Lar de S. Domingos nasceu precisamente para isto: receber rapazes que desejam um ofício e darem lugar a outros quando o souberem. A casa está outra vez cheia. Um dos que veio na primeira hora com o fim de aprender a carpinteirolaria, pediu para estudar e dissemos que sim. Tem frequentado o Colégio Beneditino com ótimo aproveitamento ficando dispensado com 15 valores no segundo ano. Continua a estudar e aproveitamos a oportunidade para agradecer à Direcção do Colégio que o recebe gra-

ciosamente. Este caso deu lugar a que recebêssemos mais um que frequenta a Escola Técnica e mais outro que foi para o Liceu. Dissemos que sim contrariados porque o Lar é operário. A tranquilizar a excepção está o facto de todos serem pobres. Esta luta, não sei até que ponto se possa efectivar.

Sabemos que muitos estudantes com residência relativamente perto da cidade vêm e vão todos os dias trazendo uma pequena merenda para a refeição do meio dia. Alguns aproveitam os meios de transporte que estão de harmonia com os horários das aulas. Há mesmo uma carreira da Régua para Lamego a que chamam a camioneta dos estudantes. Tenho-os encontrado por aí nos intervalos das aulas, ou à espera que chegue a hora da carreira, umas vezes encostados às portas dos cafés, ou nas entradas dos estabelecimentos comerciais. Numa das tardes mais frias que já veio neste

Outono, encontrei três rapazes que me meteram dó e de novo as ideias fervilharam sobre o plano que trazemos dentro de nós. Naquele dia, além do frio, caía uma chuva miudinha e compassada. O rosto dos pequenos dizia tudo. Não era nada de apeteer naquele momento o banco do jardim. Dirigi-me e eles e perguntel coisas. A resposta foi: andamos a estudar, mas de tarde não tivemos aulas e agora esperamos pela hora da carreira. Alguns dias depois estive com outro que disse ser dos lados de Barrô, que vinha e ia todos os dias, gastava 240\$ de viagem e que a servir de refeição principal trazia dois pães, comidos em qualquer parte.

Se juntarmos a estes casos, tantos outros que existem de certeza absoluta, por certo os leitores se sentem obrigados a pensar como eu, em conseguir uma sala (já não digo uma casa...) onde aqueles estudantes pudessem estar nos intervalos da manhã e da tarde; onde pudessem abrigar-se do frio e da chuva enquanto esperam pelas horas das carreiras e onde discretamente pudessem comer o pouco ou muito que trazem para a refeição...

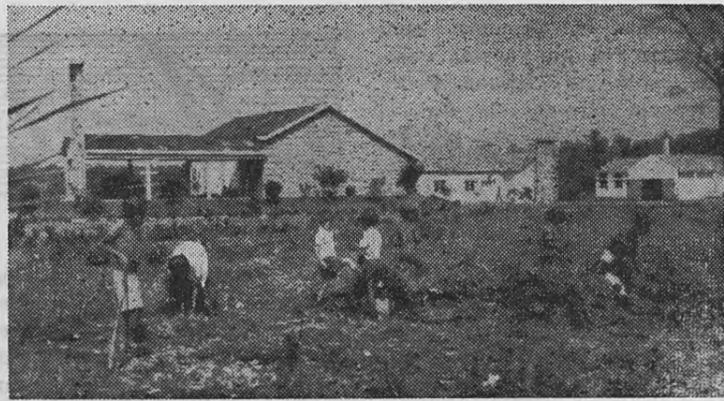
Sabemos que é preciso pagar o aluguer da casa; conseguir um responsável que mantenha a ordem, a quem tem de se dar mensalmente uma remuneração; comprar algum mobiliário, etc. etc.. Isto será impossível? Não aparecerão colaboradores? E quem terá uma sala disponível que possa prescindir de aluguer?

Se alguém me desse um pouco de terreno em lugar central, eu era capaz de me aventurar à construção duma sala com uns pequenos anexos indispensáveis. Comuniquei a ideia a alguém que encorajou com a promessa de 20 homens dispostos a dar graciosamente a mão de obra. Hoje não digo mais nada e fico à espera do fogo que possa queimar a 10 mil leitores deste «Famoso».

Padre Duarte

Visado pela

Comissão de Censura



MALANJE, UMA VISTA DE TRASEIRAS.

Agora

O grupo dos de todos os meses bate-se hoje com os das casas a prestações. Esta quase igualização sugere-me a necessidade de insistir na doutrina, já aqui exposta várias vezes, da grande conveniência de nos não prenderem com o nome a dar a uma casa.

As condições são agora um pouco diferentes das de 1951, quando nasceu o Património dos Pobres. O preço da construção, mais que dobrado, assusta e afugenta muitos Párocos e Vicentinos. Depois, os velhos 12 contos, que nunca chegaram para a construção completa de uma casa, hoje nem para metade dão. De sorte que, se nós damos aquela quantia e exigimos o nome, muitos outros terão tanto ou maior título para pedir o mesmo, o que, às vezes, torna um bocadinho difícil este «baptizado». Por outro lado, a emigração, uma melhoria de salários e, sobretudo, a expansão de diversos tipos de Auto-Construção, bem como a atenção prestada por diversas Entidades aos urgentíssimos problemas de habitação, deram a muitas Famílias asas que antes não tinham ou em que não acreditavam.

Não quero dizer com isto que o Património dos Pobres não tem sempre o seu lugar. Onde a terra sem alguns casos de indigência, incapaz por si de saírem do ponto, morto em que cairam, nem queaju-

dados? A esses é à Comunidade paroquial que compete dar resposta, começando por lhes oferecer uma moradia digna, mais o resto com que hão-de ir entretendo a vida enquanto Deus os tiver por cá. Mas são sempre relativamente poucos casos... e nem todas as comunidades paroquiais já atingiram o nível de se desobrigarem dele.

Em conclusão: Diminuiu muito de facto, a construção de casas do Património dos Pobres, propriamente dito; e não parece que ela vá ter novo e apreciável incremento.

Daí a minha insistência: Libertem-nos da obrigação do nome. E que os das casas a prestações vão construindo no seu coração e da sua bolsa a casa de sua devoção. E, quando chegarem ao fim dessa, quem dera lhe tenham tomado o gosto e aqui estejam presentes todos os meses com os de todos os meses.

E vamos lá ao desfilar da Procissão que já são horas.

É Berta e Jorge com quatro prestações mensais. O assinante 6790 com três. A Maria do «Pequeno Louvre» com outras tantas. O «Major do Silêncio», com duas. O mesmo, Berta Pereira. E a Alda do Ribatejo (de quem há muito não tínhamos notícias!) e a Mãe do Rui e a que pede «uma A. M. pela conversão de um chefe de família», com uma presença cada.

Seguem-se os Pessoais que, afinal, também são de todos os meses! Pena serem tão poucos! O da Caixa Textil com as contribuições de Julho a Outubro, totalizam 1012\$. O do Grémio da Panificação 3x165\$. O da HICA, nos três últimos meses, somou 4.851\$10, a que há a juntar 11.809\$50 da Administração, tanto quanto os funcionários reuniram no primeiro semestre deste ano. Um grupo que não é de todos os meses, mas de todos os anos, isto há 12 ou 13 deles: As Alunas do Liceu Rainha Santa Isabel, com 12 contos. Há lá uma Professora inquieta que vai inquietando as sucessivas gerações de alunas — e elas aí estão todos os anos. Bendita inquietação, que oxalá persista até ao fim da vida!

Vou terminar com os 150\$ do costume para a Casa dos Licenciados («bater em ferro frio...») — diz o nosso correspondente. E deixo para a próxima saída os das Casas a prestações.

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

e Pai Américo, e eu ia meditando como ele se sentiria feliz hoje, junto deste seu filho, e ia sentindo eu mesmo uma felicidade íntima por disfrutar da grandeza da alma de um que guardou íntegros os ensinamentos da Obra onde foi criado com um coração agradecido. Quantas vezes lhe ouvi dizer: «Deus tem-me ajudado muito e por isso eu ajudo os outros quanto posso».

Esta vinda a Joanesburgo valeu mais pela consolação de saborear a amizade e gratidão de um rapaz, criado ao amparo da Obra a quem sirvo, que pelo resultado material daqui resultante.

Como Pai Américo, no seio de Deus está contente. Quando disse que a Obra valia a pena, por um só que se salvasse, que diria por um que assim quer ajudar a salvar outros irmãos!

Padre José Maria



DUAS NETAS — DOIS AMORES.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

cípio das festas em Março não temos nada certo donde nos venha o pão para cento e vinte bocas e o vestir e calçado para outros tantos corpos. E as obras são uma grande loba.

Quando começámos com as obras pareceu-nos haver à nossa volta um movimento de ajuda a despertar. Pareceu-nos ver Coimbra a vibrar. Mas com

as últimas férias grandes!... só têm aparecido os, de sempre.

Crúzo-me tantas vezes na rua com pessoas que me saúdam e que tanto nos podiam ajudar! Os sorrisos também ajudam, mas não chegam. Há dias encontrei um Amigo que me perguntou se o pão ia chegando. Gostei. É alguém que sente conosco. E tu?

Padre Horácio

TRIBUNA de Coimbra